



## UM OUTRO TEMPO PARA CRESCER

Artur Manso  
Universidade do Minho/Portugal  
IEP - Departamento de Pedagogia  
[amanso@iep.uminho.pt](mailto:amanso@iep.uminho.pt)

“O homem não é um ser que ensina, mas sim um ser que age, vive e é eficiente”  
Goethe

“Se o mundo é imprevisível tenho de inventar as respostas na altura”  
Agostinho da Silva

### Resumo

Nesta comunicação pretendemos, essencialmente, questionar o sentido exclusivamente formativo que a educação no mundo ocidental tornou em prioridade quase absoluta.

Partindo da defesa de uma liberdade originária que é pertença de todos os homens e da necessidade não só de a manter, mas também de a poder fortalecer ao longo da vida, proporemos que se olhe a educação apenas como uma das formas de tornar os indivíduos mais felizes. Para tanto, apontamos alguns horizontes de reforma educativa no sentido de tornar a escola mais atraente e útil à existência individual de cada um e por arrastamento, ao conjunto da organização social.

I. Rousseau uma das principais figuras em que o iluminismo sustentou o seu ideário, escreveu que “podemos ser homens sem sermos sábios” e da sua filosofia social e política derivou muito do que foi o ideário da Revolução Francesa de 1789, principalmente a célebre trilogia Liberdade – Igualdade – Fraternidade. A sua máxima social que afirma que “o homem nasceu livre, e em todo o lado está acorrentado”, assemelha-o ao movimento cristão primitivo, pois, na verdade, a igual dignidade de todos os homens é um postulado que o amor cristão já tinha defendido energeticamente num contexto de privilégios sociais acentuado.

No seu tempo, Rousseau, foi perseguido pela igreja católica, à época forte instituição de poder e comando, mas não o poderia ter sido pelo cristianismo primitivo, uma vez que a sua acção tendia a actualizar o milenar e esquecido magistério de Jesus, que a pedagogia do seu *Emílio* fez ainda ressaltar ao recuperar o interesse pela criança, como vínculo de uma sociedade mais justa e fraterna, que importaria preservar pela educação num estado de originalidade pura, e não transportá-las para um ambiente social onde predomina a inveja e a competitividade.

Rousseau teve percussores, e soube atribuir-lhes o mérito. O iluminismo que viria a resvalar num totalitarismo da razão, tomou como certo e seguro que pela razão e só por ela se explicaria o mundo e se entenderia o homem. Nada de metafísica, religião, mito, ou coisa que o valha. Apenas a razão, e só a razão. Os poetas substituíram os poemas, e a tradição deixou de ser apreciada. A escola começou a popularizar-se e a consequente “massificação” escolar demorou pouco a iniciar-se.

O progresso era enorme e o homem pensava bastar-se a si mesmo. A ditadura da razão começou a fazer-se sentir cada vez com mais intensidade. Só aceitar, não o que a minha consciência ou a minha vivência me diziam ser o mais certo, mas o que um positivismo materialista considerava ser a interpretação adequada do mundo e dos homens.

Não é de estranhar que tenhamos chegado aos impasses que os finais do século XX tão bem vincaram. O lema da nova era que a revolução francesa queria consagrar, impunha-se pela sua própria negação. Como ser partidário da Liberdade, e instituir como obrigatória a escolaridade? Como ser partidário da Igualdade e permitir que uma sociedade estabeleça privilégios entre as suas forças produtivas, hierarquizando o trabalho de acordo com o critério daquilo que socialmente “vale mais”? E que Fraternidade, nos Estados Democráticos dos nossos tempos, onde, dizem os estudos demográficos que cada vez os muito ricos são menos e os demasiado pobres são a imensa maioria?

O indivíduo contemporâneo já não procura saber por saber, ou pelo prazer desinteressado que o saber lhe acrescenta. O indivíduo contemporâneo procura que o saber que tanto lhe custou a adquirir, tenha um preço. Antes de servir a humanidade deseja apenas servir-se dela. O saber aparece sempre com o respectivo direito do autor e a ciência com o registo da patente.

Que fazer então? E porque não recuperar Rousseau e actualizar a tradição que ele representa?

O sonho e a criatividade, a esperança e a irreverência das nossas crianças e jovens, têm de ganhar estatuto de “cidadania”. Cidadão não pode ser aquele que cumpre os direitos do homem porque estão escritos, mas aquele que por não os conhecer nem nunca os ter visto redigidos, faz da sua vida a forma adequada de os servir, porque ama em si o que pelos outros se universaliza, nutrindo o respeito integral pela humanidade, que não podendo ser boa, pode pelo menos aproximar-se da bondade. A cidadania não pode ser o exercício de um acto partidário mas o empenho no fim dos partidos e ideologias por só representarem uma parte, e ela apelar ao Todo.

Ao sonho e à criatividade não podem ser prescritas regras, limites ou obrigações, que vão para além do integral respeito da humanidade que o Outro partilha comigo. Mas como proceder a esta revolução, se as instituições escolares, se tornaram obrigatórias e laicas desde o nascimento até perto dos vinte anos? Como fazer felizes as crianças e os jovens que sem quererem e sem o desejarem tantas vezes, são perseguidos ou excluídos, por faltarem à frequência escolar, que percebem vir-lhes apenas e só a aumentar a competitividade individual pela promoção exclusiva do individualismo e do egoísmo? Sem tempos livres, pois a escola ocupa quase todo o tempo “útil” na vida dos indivíduos, como se pode apelar ou desenvolver a liberdade originária? Como se pode manter o sonho numa escola que quer promover sobretudo competências “técnicas”, e

pouco se preocupa com os desejos, as angústias e as possibilidades de realização de cada um? É certo que a liberdade é sempre condicionada, mas as condições do exercício livre da existência, passam muito pela fruição natural da vida, tal como propôs Rousseau, bem como pela indagação pessoal e desenvolvimento da congénita vontade de saber com que cada um foi marcado, mas só por essa.

As perguntas de quem aprende têm de se sobrepor às respostas de quem ensina, o ritmo e a vontade de cada um tem de ser respeitado. Na escola não pode haver normas ou regras rígidas para quem não está na disposição de as acatar, e a aquisição do saber não pode ser usado como forma diferenciadora da vida em sociedade. Voltemos à tradição evangélica e lembremos S. Paulo que nos diz ter Deus dado a cada um os dons determinados, e é nossa função sermos capazes de actualizar livremente o que em potência já possuímos: “Há diversidade de dons, mas um só espírito”, (*I Cor.*, 12, 4). E de todos os dons superiores, realcemos aquele que há-de absorver todos os outros, a Caridade ou o Amor, pois só ela “é paciente [...] é bondosa. Não tem inveja [...] não é orgulhosa [...] tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”, (*I Cor.*, 13, 4-7).

O brilho das luzes e o ruído acentuado onde as crianças nascem e crescem, tem de ser contraposto a um tempo do silêncio, do culto da interioridade e do exercício do pensamento. Por os meninos na escola e marcar-lhes uma meta a atingir num tempo longínquo, acicatando-lhes o egoísmo e a necessidade de serem melhores que os seus companheiros para poderem vir a triunfar, é subverter uma das regras da vida feliz que nos recomenda não nos preocupar-mos com o dia de amanhã. Que bom era ter actualmente homens e mulheres, pais, mães e educadores, que tornassem pleno de significado, às crianças que nos nossos dias tão ocupadas e preocupadas parecem estar, as palavras de Jesus que Mateus nos transmite: “Não vos preocupeis, pois, com o dia de amanhã: o dia de amanhã terá as suas preocupações próprias. A cada dia basta o seu cuidado” (*Ev. Mateus*, 6, 34). E veríamos com certeza crianças mais felizes e alegres, mais disponíveis e solidárias.

2. Ainda que pareça estranho, para otimizar o que acabamos de expor só precisamos de formar professores de acordo com os interesses da política educativa e que a sua acção se aproxime o mais possível do perfil pretendido para o aluno à saída do ensino secundário, que para além das competências cognitivas dá grande ênfase à prossecução da Autonomia, Integração e Relacionamento, bem como às Perspectivas, Atitudes e Valores que levem à assunção de uma prática democrática, autónoma e participativa de cada indivíduo na sociedade que o acolheu e na humanidade a que pertence. A ser assim, não é por falta de bons princípios que prosseguimos uma “má educação”, mas porque educadores e educandos insistem em querer apenas o presente sem ousar sequer imaginar um futuro para lá dos interesses da eficácia economicista que presumem como único barómetro para avaliar o longo percurso educativo a que cada um, de forma compulsiva e raras vezes com a liberdade que seria desejável em termos das escolhas, tem de se sujeitar.

A primeira sugestão é então que se deixem de formar professores como meros “técnicos” do ensino, adestrados na função única de, como robôs, cumprirem programas que outros fizeram de formação em série, sob o único critério de diminuir o insucesso escolar. Deveríamos, para contrariar esta realidade, participar numa formação integral de homens adultos, com uma mente aberta e crítica, para assim sermos capazes de reforçar o exercício democrático e promover a autonomia.

Todo o ensino e toda a formação, pelo seu carácter prospectivo não pode descurar nenhuma área do conhecimento ou do saber, mesmo as que vão além da demonstração e da prova, comum a uns e outros conhecimentos empíricos, devendo também preocupar-se com a radicalidade do conhecimento ou com a indagação pelo que Deve Ser, em detrimento daquilo que é. Na profissão docente mais do que em qualquer outra é preciso que os seus agentes saibam ou estejam preparados para, nas palavras de Júlio Fragata, “intuir por especulação”, para assim se poderem fundamentar e sistematizar todos os saberes num verdadeiro carácter interdisciplinar.

Podem-se tornar as coisas mais agradáveis, mas quem tiver por missão ensinar não pode prescindir do conhecimento e da compreensão do seu lugar no seio da sociedade em que irá exercer o seu magistério.

Fernando Savater em *O valor de educar*, para além de outras coisas lembra que sem uma preparação escolar séria e interdisciplinar, que não se cinja apenas ao saber fazer, mas também e sobretudo ao saber ser e saber estar, numa sociedade em mudança que apela ao facilitarismo que tantas vezes leva à ignorância geradora dos mais diversos fundamentalismos, para nada nos há-de servir o conhecimento adquirido. A educação necessita de instrução, mas esta não se pode realizar ao arrepio da primeira. A facilidade não se pode conseguir com a banalidade e a simplicidade não se compadece com o pedantismo.

Por isso propõe, numa tradição humanista que a educação faça “aprender a discutir, a refutar e a justificar o que se pensa, e tal educação não é possível sem recorrer à “dimensão narrativa que engloba e totaliza os conhecimentos por ela transmitidos (uma vez que) os homens não são problemas ou equações mas sim histórias, somos menos parecidos com contos do que com contos” (Savater, 1997: 99).

Edgar Morin, outro nome incontornável do pensamento contemporâneo, viu em 1999 a UNESCO editar-lhe o pequeno mas significativo trabalho sobre a educação, intitulado *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, onde reconhece e lamenta que o conhecimento fragmentado, fornecido ao longo dos tempos pelas escolas que alimentam a sua acção num sistema de disciplinas estanques, tenha prejudicado e esteja a prejudicar a verdadeira educação. De forma pouco comum, não hesitou em propor como objecto essencial do ensino apenas e só a condição humana e o ensino das incertezas, por considerar que cabe à educação mostrar que não há conhecimento que não esteja em algum grau ameaçado pelo erro e ilusão. Não se coíbe, também de apontar como um dos erros dos intelectuais o facto de resistirem à informação que lhes não convém, concluindo que “os problemas fundamentais e os problemas globais estão ausentes das ciências disciplinares. São salvaguardados apenas na filosofia” (Morin, 2001: 40). A hiperespecialização, no seu entender, impede tanto a percepção do global quanto a do essencial. De uma forma mais simplificada, mas com os mesmos intuitos, uma das personagens do romancista Robert Musil, em tom de crítica social já tinha lembrado, com acerto, que “a inteligência, só por si, não permite a moral nem a política. A inteligência não basta, o essencial processa-se para além dela. Os homens que alcançaram a grandeza apreciaram sempre a música, a poesia, a forma, a disciplina, a religião e o cavalheirismo”. A inteligência, única faculdade humana que a educação contemporânea tem considerado, é apenas e só, uma das muitas faculdades que temos ao nosso dispor, originariamente, com o mesmo valor de todas as outras.

Feito o diagnóstico, Morin aponta para que numa "educação do futuro é necessário promover grande rememoração dos conhecimentos oriundos das ciências naturais, a fim de situar a condição humana no mundo, dos conhecimentos derivados das ciências humanas para colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humanas, bem como integrar a contribuição inestimável das humanidades, não somente a filosofia e a história, mas também a literatura, a poesia e as artes..." (Ib.: 48). Educar, é essencialmente "mostrar e ilustrar o Destino multifacetado do humano: o destino da espécie humana, o destino individual, o destino social, o destino histórico, todos entrelaçados e inseparáveis" (Ib.: 61).

A educação sempre foi e há-de ser "ao mesmo tempo transmissão do antigo e abertura da mente para receber o novo" (Ib.: 72), não havendo fora deste pressuposto alguma finalidade credível à educação que se deve manter inconformada com o desenrolar da vida, possibilitando cada vez mais educação pelo estímulo a novas aprendizagens e ensinamentos.

Tais intuições, na sua simplicidade, não são compatíveis com uma educação compartimentada e "tecnicista". Um modelo de formação "técnica" em vez de um modelo humanista, tem empobrecido a educação das gerações futuras que desde há muito vêm sendo formadas ou ensinadas por "técnicos de educação fragmentada", instruídas para vencerem na vida pelas capacidades técnicas demonstradas, a quem é diminuído, ou mesmo amputado, todas as outras capacidades que ajudam os indivíduos a tornarem-se mais humanos e a entender melhor a complexidade que os rodeia e da qual são parte integrante.

## Referências bibliográficas

*Bíblia Sagrada.*

Manso, Artur & Barbosa, Fátima (2000). "A escola, o ócio e o tempo livre" in *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación - Vº Congreso Galego-Português de Psicopedagogía*, nº 4 (vol. 6), ano 4, Corunha, pp. 620-628.

Morin, Edgar (2001). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, 3ª ed. trad., S. Paulo, Cortez. [tradução em Portugal: (2002). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, Lisboa, Piaget.

Morin, Edgar (2002). *Repensar a reforma, reformar o pensamento – A cabeça bem feita*, trad., Lisboa, Piaget.

Rousseau (1990). *Emílio*, 2 vols. Trad., Lisboa, Europa-América.

Savater, F. (1997). *O valor de educar*, trad., Lisboa, Presença.

Silva, Agostinho da (1997). "Entrevista aos escuteiros do Estoril – Outubro de 1991", in *Jornal de Notícias – Notícias Magazine*, Porto, 30-03-1997, pp. 30-32.